



FEITIÇO DA VILA - UM SAMBA DE NOEL ROSA

Dimas Aguiar da SILVA¹
Anderson de Souza Zanetti da SILVA²

Resumo: Em 2010 Noel Rosa completa seu centenário e, numa feliz homenagem a essa data, o artigo discutirá uma de suas músicas. *Feitiço da Vila* é um samba de Noel composto em 1934 em homenagem ao seu bairro, Vila Isabel, no Rio de Janeiro. O contexto da composição desta obra, frisado pelos biógrafos e historiadores, destaca que era um período de conflito entre Noel e o sambista Wilson Batista, quando críticas, sátiras e farpas eram trocadas entre ambos através das letras. O *Feitiço da Vila* é uma destas respostas e é objeto de uma polêmica porque foi interpretado por muitos como uma canção de conteúdo racista. Neste artigo, propomos uma análise que busca refutar tal ponto de vista.

Palavras chave: Cultura popular. Música brasileira. Noel Rosa. Rio de Janeiro. Samba. Wilson Batista.

Usar a visão de descrição densa, de Geertz (1989), para analisar da letra de uma música ajuda a eliminar os fatores que carecem de consistência, como é o caso do suposto racismo contido na canção de Noel, objeto desse artigo. Nossa proposta é apontar como a canção de Noel não se pauta pelo preconceito racial, tomando como base o contexto e a situação em que essa foi composta. Entendemos que a canção como forma deve ser aqui considerada, uma vez que, antes de tudo, é mediada por elementos lingüísticos que, neste caso, procurava estruturar fatos. Ou seja, Noel Rosa pode ter tentado representar aquilo que para o músico era um dado de realidade, buscando não deformar, mas dar veracidade ao narrado. Eis a importância de se desvendar esses diversos sentidos e delimitar a compreensão dentro do contexto cultural no qual esses sentidos podem ser explicados com densidade.

Noel Rosa nasceu em 1910, era branco e pertencia à classe média. O compositor foi criado no bairro de Vila Isabel, no Rio de Janeiro, e estudou em colégio tradicional. Sua educação musical teve início na adolescência, quando aprendeu a tocar bandolim e violão com ajuda de familiares. cursou a Faculdade de Medicina, mas logo a abandonou por razão dos seus projetos musicais e da boemia carioca. Noel era um

¹ Graduando em Relações Internacionais pelo Centro Universitário Lusíada – UNILUS. dimas.aguiar@allegrouppen.org ; dimmhas@hotmail.com

² Mestre em Artes pelo Instituto de Artes da UNESP-SP, professor de filosofia, estudioso da relação entre Brecht e Augusto Boal.



boêmio inveterado. Sua vida como artista e suas composições datam do final dos anos 20 e ao longo dos anos 30. Por decorrência da boemia, Noel adoeceu de tuberculose e morreu em 1937.

Noel Rosa é apontado pelos historiadores como uma das principais figuras na união do samba dos morros com o “asfalto” no Rio de Janeiro. Ou seja, é um período em que o samba começa a seduzir a classe média. Nessa mesma perspectiva, para se ter outro exemplo, pode-se também destacar Ari Barroso, ex-estudante de Direito no Rio de Janeiro, autor do samba-exaltação *Aquarela do Brasil*. Este compositor é uma figura importante na exportação do samba brasileiro para o exterior através do teatro e do cinema, tendo a interpretação de Carmen Miranda.

O contexto de Noel é parecido com o de Ari Barroso. O “poeta da Vila” vive em uma época caracterizada pela expansão do samba popular afro-brasileiro através da ascensão das rádios, do teatro e do cinema. Outra característica deste momento é o expressivo contraste cultural das classes existentes de um Brasil que há pouco saíra do regime escravocrata. o cenário é de intensificação de manifestações culturais e de rompimento com posições conservadoras em relação às expressões populares. Nesse caso, indivíduos sensíveis, como o compositor, são aqueles que catalisam com intensidade aquilo que se mostra pela cultura e transformam seus significados em códigos expressos pela arte. Como ressalta Geertz (1989), a cultura é um contexto dentro do qual os acontecimentos sociais, as instituições e os comportamentos podem ser escritos com densidade. Ela consiste em estruturas de significados socialmente estabelecidos, ou seja, em sistemas entrelaçados de signos interpretáveis. “A cultura é assim pública porque o significado o é” (GEERTZ, 1989, p. 22).

No que diz respeito à letra da música *Feitiço da Vila*, a alusão positiva ao bairro de Vila Isabel é clara. Os primeiros versos confirmam essa observação ao constatar que “*quem nasce lá na Vila nem sequer vacila ao abraçar o samba*”, assim sendo, a alusão positiva está atrelada à eficiência no fazer do samba por parte de Vila Isabel, ou ainda, por parte dos moradores da Vila Isabel. Logo de início, não restam dúvidas de uma relação positiva da Vila Isabel com o samba, como podemos ver na letra da música:

Feitiço da Vila

Composição: Noel Rosa / Vadico.

Quem nasce lá na Vila

Nem sequer vacila

Ao abraçar o samba



*Que faz dançar os galhos,
Do arvoredo e faz a lua,
Nascer mais cedo.*

*Lá, em Vila Isabel,
Quem é bacharel
Não tem medo de bamba.
São Paulo dá café,
Minas dá leite,
E a Vila Isabel dá samba.*

*A vila tem um feitiço sem farofa
Sem vela e sem vintém
Que nos faz bem
Tendo nome de princesa
Transformou o samba
Num feitiço decente
Que prende a gente*

*O sol da Vila é triste
Samba não assiste
Porque a gente implora:
"Sol, pelo amor de Deus,
não vem agora
que as morenas
vão logo embora*

*Eu sei tudo o que faço
sei por onde passo
paixão não me aniquila
Mas, tenho que dizer,
modéstia à parte,
meus senhores,
Eu sou da Vila!*

Os símbolos de linguagem que se estendem na primeira estrofe da canção confirmam a mesma posição. Na segunda estrofe, constam os primeiros vestígios que através de uma observação interpretativa poderiam ser apontados como racistas. Observemos a estrofe de perto: “*Lá, em Vila Isabel, / Quem é bacharel / Não tem medo de bamba. / São Paulo dá café, / Minas dá leite, / E a Vila Isabel dá samba*”. Considerando a posição de Noel Rosa como branco de classe média, em contraposição com os negros, mestiços e pessoas pobres em geral, é possível identificar que há conotação especial para a palavra “bacharel”. Ora, os moradores dos morros e adjacências nos anos 30 pertenciam às classes trabalhadoras, subempregados, desempregados, ou seja, a maioria dos subúrbios era formada pela população pobre. Sendo assim, quando o texto refere-se ao bacharel, parece estar falando em distinção de



valor, de uma população letrada em oposição àquela desvinculada da vida acadêmica, a população do morro. Na visão empírica dos fatos, poder-se-ia considerar perfeitamente que Noel Rosa faz menção ao bacharel da classe média, talvez enxergando sua própria pessoa como ex estudante de Medicina, ao bacharel da Vila Isabel. Por outro lado, o esforço de Noel ao dizer “bacharel” pode estar ligado ao acadêmico do samba, noção que mais tarde seria reforçada com a criação das “Escolas de Samba”.

Para se entender um pouco melhor isso, é interessante observar a utilização da palavra bacharel por Noel em 1930, na letra da música *Eu vou pra Vila*, data distante de qualquer ligação entre Noel e a universidade. Nesta letra, Noel enfatiza uma formação no samba, o que nos leva novamente para a noção de bacharel do samba: “*Quando eu me formei no samba, / recebi uma medalha. / Eu vou pra Vila*”. (MAXIMO, DIDIER, 1990, p. 137).

Como se pode perceber, dizer que Noel ao usar a palavra bacharel está destacando exclusivamente a figura de alguém de classe média é algo insuficiente apontar algum tipo de discriminação. O que vemos em seguida é uma reafirmação do que foi discutido na primeira estrofe, ou seja, há uma alusão positiva à Vila Isabel ao fazer o samba, pois quem é bacharel não tem medo do “gingado” rítmico do samba, ou nas palavras de Noel, do “bamba”. Nos últimos versos dessa estrofe há referência ao café e ao leite, mas isso também não indica qualquer tipo de discriminação. Ao afirmar que São Paulo dá café e Minas (Gerais) dá leite, o compositor faz uma alusão clara aos produtos primários do Brasil na Primeira República, chamada café-com-leite.

Já na terceira estrofe, veem-se alguns sentidos antagônicos que dão margem para a acusação de que Noel faz um samba racista:

*“A Vila tem um feitiço sem farofa, / sem vela e sem vintém / que nos faz bem.
/ Tendo nome de princesa / transformou o samba / num feitiço decente / que
prende a gente”.*

Nessa estrofe as palavras farofa, vela e vintém parecem estar ligadas aos aspectos da cultura afro-brasileira, mais especificamente da religiosidade, uma vez que os três objetos são usados nas oferendas aos santos³. Aqui, Noel afirmaria que o samba da Vila Isabel “faz bem” porque não comporta aspectos da cultura afro-brasileira (sem farofa, vela e vintém transforma o samba em algo decente), o que pode levar a crer que

³ LODY, Raul. Dicionário de Artes Sacra & Técnicas Afro-brasileiras. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.



os sambas que comporta tais aspectos estariam num patamar de inferioridade frente a um samba genuinamente da classe média. Ainda assim, o fato de afirmar uma hipotética vantagem do samba de classe média, talvez pudéssemos dizer, não traz implícita uma posição de inferioridade da cultura afro-brasileira. Noel poderia, de forma simplista, querer mostrar que o samba da Vila Isabel é competente e bom mesmo não estando no seio da cultura afro-brasileira. Ou seja, neste sentido, o poeta reafirmaria a competência de um bairro de classe média para fazer samba, sugerindo que o contexto cultural e de classes não determinaria exclusivamente essa expressão musical. Nas palavras de Noel: “A Vila tem um feitiço sem farofa, sem vela e sem vintém que nos faz bem”.

Agora, é importante refletir sobre os significados das palavras e o contexto em que a música foi composta, para não nos limitarmos ao senso comum. Nesse sentido, pelo prisma do senso comum, a idéia de “feitiço” designaria justamente algo negativo, associado ao encantamento manipulado através das religiões afro-brasileiras ou européias como os ciganos e bruxas-feiticeiras. A presença do catolicismo no Brasil durante toda a colonização e a visão negativa sobre rezadeiras e feiticeiros explica uma formação cultural cujo senso comum coloca um *status* negativo na palavra feitiço. Ainda hoje essa perspectiva se faz muito presente. Uma leitura apressada pode sugerir que Noel teve a intenção de acionar os sentidos negativos, particularmente os associados aos aspectos afro-brasileiros, da palavra feitiço. Porém, lido numa perspectiva mais ampla, a idéia de feitiço pode adquirir positividade e referir-se ao encantamento, o mesmo que pedia ao sol para não nascer, de modo que as morenas não fossem embora. Afinal, são elas que dançam e ao som do samba selam o feitiço da Vila. E dessa forma Noel celebra a realeza branca, a princesa Isabel, mas a alegria e a beleza das mulheres do samba, isto é, das mulheres negras. E, assim, mesmo não tendo farofa nem vela, o samba da Vila teria feitiço, encantamento, um feitiço natural que “faz os galhos do arvoredado dançar, que provoca a lua a nascer mais cedo”. o samba de Vila Isabel produz um feitiço que faz bem, não porque o samba dos morros e da cultura afro-brasileira faz mal, mas porque o feitiço, na sua essência, o faz.

A composição de *Feitiço da Vila* acontece em meio à polêmica entre Noel Rosa e Wilson Batista, sambista negro, habitante dos subúrbios do Rio de Janeiro. Da briga entre ambos, é sabido, resultaram grandes composições, sátiras musicais de um para o outro. E é no contexto dessa briga que se situa nossa análise de *Feitiço da Vila*. Wilson Batista compôs o samba *Lenço no Pescoço* (1933) que dizia:



*“Meu chapéu do lado,
tamanco arrastando,
lenço no pescoço,
navalha no bolso.
Eu passo gingando,
provoco e desafio.
Eu tenho orgulho
em ser tão vadio”.*

Noel, por meio da sátira, compõe o samba *Rapaz Folgado* (1933) criticando a posição de malandro que Wilson ostentava:

*Deixa de arrastar teu tamanco
Pois tamanco nunca foi sandália
E tira do pescoço o lenço branco
Compra sapato e gravata
Joga fora essa navalha que te atrapalha.*

[...]

*Malandro é palavra derrotista
Que só serve pra tirar
Todo o valor do sambista
Proponho ao povo civilizado
Não te chamar de malandro
E sim de rapaz folgado*

Dentre outros motivos que podem explicar a composição de *Feitiço da Vila*, incluímos essa troca de mensagens entre Wilson e Noel, pois Wilson Batista revida a composição de *Rapaz Folgado* compondo o samba *Mocinho da Vila* (1934), uma crítica explícita a Noel Rosa e seu bairro. Ou ainda, segundo Máximo e Didier (1990), Noel teria composto a música em homenagem a Lela Casatle, nascida em Vila Isabel, por ter ganho o concurso de Rainha da Primavera em 1934, levantando a estima do bairro.

Até o momento sabemos que *Feitiço da Vila* tem como principal característica a exaltação do bairro de Vila Isabel e sua relação com o samba. Por pertencer ao bairro e estar entre os seus músicos, Noel tinha vários motivos afetivos para exaltar a Vila Isabel. É inegável que os ataques de Wilson Batista eram direcionados ao fato de Noel ser moço de classe média, não era malandro, e insistia em fazer samba. Essa era uma contenda privada entre Wilson e Noel, que não transportamos para um quadro mais abrangente. O fato é que tal situação parece ter contribuído para a composição de



Feitiço da Vila e, por conseqüência, para o uso de certas expressões específicas, às vezes, com intenção de contribuir para a musicalidade e para a rima, e não apenas de dar conta da rivalidade com Wilson Batista.

O bate rebate musical se estabeleceu com Wilson Batista lançando *Lenço no pescoço*, e Noel, *Rapaz Folgado*. Wilson rebateria com *Mocinho da Vila* e Noel com *Feitiço da Vila*. Na seqüência, Wilson Batista comporia *Conversa Fiada* (1935), respondendo literalmente a música tema dessa análise. Máximo e Didier (1990) observam que Wilson, entre outros motivos, via na polêmica que protagonizava com Noel uma forma de promoção pessoal, dado o sucesso do sambista da Vila. Nesse samba de Wilson, o grande público percebera qualidades inegáveis, como ajustes rítmicos que mostravam o grande sambista que Wilson era. Isso enriquecia os repertórios dos intérpretes que reconheciam a notoriedade de compositores como Noel e Wilson. Wilson, ao responder *Feitiço da Vila*, sublinha a interpretação do feitiço romântico, benéfico e mágico (o feitiço decente) já destacado nessa análise, inclusive considerando àquelas referências que Noel utilizou para exaltar a Vila (faz dançar os galhos do arvoredo e faz a lua nascer mais cedo). Logicamente, a aceitação de Wilson a esses aspectos concede mais valor às pretensões de exaltação de Noel, tal como tentamos sugerir em nossa análise:

*É conversa fiada
Dizerem que o samba
Na Vila tem feitiço,
Eu fui ver pra crer
E não vi nada disso.*

[...]

*Eu fui na Vila ver o arvoredo se mexer
E conhecer o berço dos folgados
A lua nessa noite demorou tanto
Me assassinaram o samba
Veio daí o meu pranto.⁴*

Uma análise densa dos fatores que envolvem a composição de *Feitiço da Vila* revela diversos significados, ainda assumindo que muitos outros poderiam ser aqui desenvolvidos. Porém, ainda assim há grande peso na questão da exaltação do bairro de

⁴ MAXIMO, João; DIDIER, Carlos. 1990. p. 371



Vila Isabel e não há grandes sentidos que poderiam justificar racismo na composição de Noel. Podemos dizer provavelmente que, antes, *Feitiço da Vila* é um samba anti racista, ou até poderíamos ir mais longe, esse samba representa uma tentativa de Noel Rosa na defesa contra a discriminação que ocorria no Rio de Janeiro nos anos 30, quando os negros questionavam a possibilidade de os chamados “letrados” do samba fazerem samba. Esta disputa ocorre justamente na fase de profissionalização do samba, quando este se torna meio de ganhar dinheiro, refletindo uma fase do começo de um mercado fonográfico nascente para o sambista.

Em outras palavras, esse combate na forma de composições musicais, na verdade, representava a exclusão de uma divisão de classes na construção do samba, não importando a origem do indivíduo. Os negros não eram vítimas de vilões brancos como Noel, tampouco Noel era um excluído pelos negros. A rivalidade entre Noel e Wilson, por exemplo, tinha um caráter produtivo e demarcava um samba que estava por vir. A intenção de Noel Rosa é a própria inserção da Vila Isabel entre aqueles bairros que faziam o samba. Segundo historiadores, Noel foi uma das figuras responsáveis na união do samba dos morros e adjacências com o “asfalto”. Tal condição é atribuída a Noel porque ele, de fato, esteve ativamente ligado aos sambistas dos morros e subúrbios, tais como Cartola (do Morro da Mangueira) e Ismael Silva (do Estácio de Sá), que foram seus grandes amigos, segundo os biógrafos de Noel.

Noel ainda compôs ainda o samba que ficaria marcado na história dada a sua excelência, *Palpite Infeliz* (1935), feito como resposta aos ataques de Wilson Batista ao samba de Vila Isabel. *Palpite Infeliz* pode representar o que está implícito em *Feitiço da Vila*, onde se reforça a conclusão destacada nessa análise, a de que Noel só queria exaltar a Vila e promover a integração do seu bairro entre aqueles considerados “do samba”. Para finalizar, vejamos a letra da música:

*Quem é você que não sabe o que diz?
Meu Deus do Céu, que palpite infeliz!
Salve Estácio, Salgueiro, Mangueira,
Oswaldo Cruz e Matriz
Que sempre souberam muito bem
Que a Vila Não quer abafar ninguém,
Só quer mostrar que faz samba também*

[...]

A Vila é uma cidade independente



*Que tira samba, mas não quer tirar patente
Pra que ligar a quem não sabe
Aonde tem o seu nariz?
Quem é você que não sabe o que diz?*⁵

Abstract: In 2010 Noel Rosa completes his centenary, under a tribute to this great date the article will discuss one of his songs. *Feitiço da Vila* is a Brazilian *samba* composed in 1934 by Noel Rosa in honor to his Rio de Janeiro's neighborhood named Vila Isabel. The context, stated by biographers and historians, highlights the conflict together Wilson Batista, another *samba* composer, where criticisms, satire and replies were exchanged between Noel and Wilson through *samba* music. This situation yielded *sambas* from Wilson and Noel, among which I highlight *Feitiço da Vila*, because it has been, at essence, the object of a polemic that pointed itself as a *samba* against black ethnicity, as well a racist *samba*. I propose therefore an analysis that disputes or confirms a racist vision from Noel Rosa in *Feitiço da Vila* through semiotic observation, thus, an anthropological analysis that searches to point the various meanings that surround this *samba*.

Keywords: Popular culture. Brazilian music. Noel Rosa. Rio de Janeiro. Samba. Wilson Batista.

Referências Bibliográficas.

ALMIRANTE. *No tempo de Noel Rosa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1977.

ARANTES, Antonio A. *O Que é Cultura Popular?*. 11ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP, 1997.

CHIAVENATO, Júlio José. *O Negro no Brasil: da senzala à abolição*. São Paulo: Moderna, 1999.

DICIONÁRIO CRAVO ALBIN DA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA. **Noel Rosa (Noel Medeiros Rosa)**. Disponível em:
<http://www.dicionariompb.com.br/verbete.asp?tabela=T_FORM_A&nome=Noel+Rosa>. Acesso em: 21 jun. 2009.

DICIONÁRIO CRAVO ALBIN DA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA. **Wilson Batista (Wilson Batista de Oliveira)**. Disponível em:
<http://www.dicionariompb.com.br/verbete.asp?tabela=T_FORM_A&nome=Wilson+Batista>. Acesso em: 21. jun. 2009.

⁵ MAXIMO, João; DIDIER, Carlos. 1990. p. 372



GEERTZ, Clifford. *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

MAXIMO, João; DIDIER, Carlos. *Noel Rosa – Uma biografia*. Brasília: UNB, 1990.

OBRA E PROGRESSO. (**Blog de Caetano Veloso.**) Acesso em: <www.obraemprogresso.com.br>. Acesso em: 21. jun. 2009.

RAUL, Lody. *Dicionário de Artes Sacra & Técnicas Afro-brasileiras*. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

SILVA, Marília T. Barboza da. & OLIVEIRA FILHO, Arthur L. de. *Cartola: Os tempos idos*. Rio de Janeiro: Gryphus, 1998.

WEBER, Max. *A “objetividade” do conhecimento nas Ciências Sociais*. São Paulo: Ática, 1989.

Recebido para análise em 30/11/2009
Aceito para publicação 29/09/2010